

As Quizumbeiras: a raiva como afeto disruptivo e mobilizador e o mito da mulher negra raivosa em leitura comparada

The Quizumbeiras: anger as a disruptive and mobilizing affect and the myth of the angry black woman in comparative reading

Érica Schlude Wels



eswels@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Cleydia Regina Esteves



cleydia@letras.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo

Este artigo tem como objetivo abordar comparativamente, o mito da mulher negra raivosa, nas culturas alemã, norte-americana e brasileira, por meio do pensamento feminista afrodiaspórico presente nas obras de Audre Lorde (2019), Raquel A. Griffin (2022), Lélia Gonzalez (2018), Ciani-Sophia Hoeder (2021) em diálogo com as teorias raciais críticas analisadas em Aparecida J. Ferreira (2015) e o campo das teorias de L. Vygotsky com Anna Stesenko e seu conceito de agência radical transformadora. Para tanto vamos analisar o livro *Wut und Böse*, de Ciani-Sophia Hoeder, jornalista afro-alemã. Esse estigma, da mulher negra raivosa, é um *nomos* transversal que perpassa a trajetória de mulheres negras nas sociedades ocidentais. Ele é a expressão do racismo, fruto dos processos de colonização e colonialidade que definem a Modernidade segundo as teorias decoloniais. Nosso objetivo é demonstrar como essas mulheres agenciam este afeto, a raiva, para substantivar sua ação no mundo, por meio da crítica àquele dispositivo discursivo de controle de suas narrativas e de seus corpos.

Palavras-chave: Agência, Afeto, Mulheres Negras, Feminismos Afrodiaspóricos.

Abstract

*The aim of this article is to take a comparative look at the myth of the angry black woman in German, North American and Brazilian cultures, through the Afrodiasporic feminist thought present in the works of Audre Lorde (2019), Raquel A. Griffin (2022), Lélia Gonzalez (2018), Ciani-Sophia Hoeder (2021) in dialogue with the critical racial theories analyzed in Aparecida J. Ferreira (2015) and the field of L. Vygotsky's theories with Anna Stesenko and her concept of radical transformative agency. To this end, we will analyze the book *Wut und Böse* by Ciani-Sophia Hoeder, an Afro-German journalist. This stigma, of the angry black woman, is a transversal *nomos* that runs through the trajectory of black women in Western societies. It is*



10.23925/2318-7115.2025v46i1e68053



FLUXO DA SUBMISSÃO:

Submissão do trabalho: 26/08/2024

Aprovação do trabalho: 14/05/2025

Publicação do trabalho: 11/06/2025

AVALIADO POR:

Francisco Estefogo (UNITAU)

Mônica Lemos (Univ. Helsink)

EDITADO POR:

Luciana Kool Modesto-Sarra (PUC-SP)

COMO CITAR:

ESTEVES, C. R.; WELS, Érica S. As Quizumbeiras: a raiva como afeto disruptivo e mobilizador e o mito da mulher negra raivosa em leitura comparada. *The Especialist*, [S. l.], v. 46, n. 1, p. 458–480, 2025. DOI: 10.23925/2318-7115.2025v46i1e68053.



an expression of racism, the result of the processes of colonization and colonality that define Modernity according to decolonial theories. Our intention is to show how these women use this affection, anger, to substantiate their action in the world, by criticizing the discursive device that controls their narratives and their bodies.

Keywords: Agency, Affect, Black Women, Afrodiasporic Feminisms.

1. Introdução

Minha raiva de mulher negra é um lago de lava que está no meu cerne, o segredo que guardei de modo mais intenso. Eu sei o quanto da minha vida como mulher de sentimentos poderosos está emaranhado nessa rede de fúria. Ela é um fio elétrico entrelaçado em cada tapeçaria emocional em que coloco o que há de essencial na minha vida – uma fonte quente e borbulhante que pode entrar em erupção a qualquer momento, irrompendo da minha consciência como fogo numa paisagem. Como adestrar essa raiva com precisão, em vez de negá-la tem sido uma das tarefas mais importantes da minha vida. (Lorde, 2019, p. 186)

Quando nos propusemos a escrever este artigo não tínhamos noção ou antes, estava sublimado o quanto ele é autorreflexivo e autorreferenciado (Ferreira, 2015), especialmente para uma de suas autoras, que se reconhece com uma mulher negra (parda)¹. Assim sendo, podemos afirmar que lembramos, por meio do livro citado, de passagens de nossas próprias vidas e de mulheres próximas que continuamente precisam falar mais alto, mais forte e de forma contundente sobre seus direitos, desejos e necessidades; que precisam ser enfáticas para demonstrar que elas existem, que têm sua própria voz e que devem ser respeitadas. De outro modo, que precisam radicalizar suas agências transformadoras; seja verbalizando suas narrativas, seja performando em gestos significantes a sua luta por reconhecimento (Stetsenko, 2023).

De modo geral encontramos os seguintes estereótipos a respeito da mulher negra nas sociedades capitalistas ocidentais: a mulher hiper sexualizada², a trabalhadora incansável³, a mãe preta⁴ e a negra raivosa e agressiva⁵. Esses estigmas desumanizantes são decorrentes dos processos de colonização e escravização a que foram submetidos povos do sul global. Cada um

¹ É interessante registrar que na leitura do livro, mentalmente eu, Cleydia Regina Esteves, confundia (ato falho), Wut (raiva) com Mut (coragem), porque os termos sempre estiveram entrelaçados nas minhas experiências de vida. É indicativo pensar que essa correlação se mantém também, para mim, na língua alemã.

² Tão bem ilustrada na figura da “mulata do Sargentelli” e da “Globeleza”, mulheres negras que dançavam em programas de tv.

³ Exemplificada na emprega doméstica, substituta contemporânea da mucama escravizada.

⁴ Mulheres negras escravizadas, amas de leite que são retratadas nas falas e obras de Conceição Evaristo.

⁵ Nos EUA há uma figura televisiva clássica dessa personagem, nomeada Sapphire.

deles remete a uma representação, simbólica e/ou real, a que mulheres negras foram submetidas e a lugares de subalternidade nessas sociedades (Gonzalez, 2018; Lorde, 2019; Hoeder, 2021; Griffin, 2022).

O nome do artigo é uma homenagem à Lélia Gonzalez e ao pretoguês⁶. Em uma live com a ativista negra brasileira Vilma Piedade⁷, sobre a história do movimento negro brasileiro, esta última mencionou o fato de que, nos encontros das feministas brancas, a primeira era chamada de quizumbeira por expressar suas ideias de maneira mais enfática. Esta palavra, quizumbeira, é um substantivo feminino, que deriva, segundo o dicionário Houaiss, de quizomba (quimbundo):

Para Nei Lopes, provavelmente, de quizomba no sentido de ‘festa’, ‘aos olhos do racismo as festas do negro sempre foram sinônimos de confusão’; registra ele também o quimbundo kuzuma no sentido de ‘resmungar, rugir’, o iaca kizumba no sentido de adultério. (QUIZOMBA, 2025)

Para analisar este mito da mulher negra raivosa relacionamos os feminismos afrodiaspóricos, notadamente o brasileiro e o norte-americano, com o pensamento feminista negro alemão⁸, às referências espaçotemporais⁹ e cronotópicas¹⁰ da Modernidade Ocidental, em consonância com suas diversas formas de expressão cultural, estética e literária. Demonstramos de que maneira esse mito se impõe como um desafio à agência insurgente das mulheres negras e como elas buscam ultrapassá-lo com a intersecção entre razão e emoção, acionando a raiva de maneira propositiva.

Com a contribuição de intelectuais negras¹¹ como Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Audre Lorde, May Ayim, Katarina Oguntoye, e de vivências nas encruzilhadas (Martins, 2021) da vida com mulheres negras pretendemos refletir sobre o livro “Wut und Böse” (Raiva e Maldade) de Ciani-Sophia Hoeder, escritora alemã, que fundou, junto com outras

⁶ Termo com o qual Lélia Gonzalez nomeava a língua falada no Brasil, em função da influência das línguas africanas na formação do português brasileiro.

⁷ Escritora, professora e autora do termo Dororidade: Dor que se transforma em potência.

⁸ No caso alemão, estudiosos da história alemã alertam para a necessidade de atenção à aplicação do conceito de diáspora à imigração africana para aquele país.

⁹ Aqui temos como referência tanto o conceito geográfico de Milton Santos, bem como aquele linguístico de Moita Lopes para exemplificar as mudanças contemporâneas nas sociedades capitalistas; ambos citados na bibliografia.

¹⁰ Nos referimos ao conceito de Mikhail Bakhtin, 2018.

¹¹ Mulheres importantes no âmbito de suas culturas e mesmo em outros países, são escritoras dedicadas a refletir o racismo em sociedades implicadas no colonialismo e na escravidão. Lélia Gonzalez era professora e socióloga; Conceição Evaristo é linguista e escritora; Leda Maria Martins é acadêmica e ensaísta; Audre Lorde poeta e escritora norte-americana; May Ayim era pedagoga e poeta alemã; Katarina Oguntoye, historiadora e escritora alemã.

mulheres negras, a revista digital RosaMag (2021). Esta escritora faz parte da mais recente geração de feministas afro-alemas, que nasceu após a reunificação do país e tem nas mídias digitais um espaço privilegiado de exposição e debate de suas obras e posições políticas. O livro deu origem a um vídeo com o mesmo nome, onde uma mulher negra faz uma performance, tendo-o como inspiração estética.

O livro é a compilação de relatos entremeados por informações jornalísticas, científicas e de senso comum, onde a autora comenta, reflete e analisa onde e como a raiva compõem seu cotidiano e de mulheres próximas a ela, em resposta às diferentes formas de racismo existentes na sociedade alemã, como de resto nas sociedades capitalistas ocidentais. Para usar uma categoria de autoria de Conceição Evaristo, seriam as escrevivências¹² da autora acerca do racismo cotidiano em que estão mergulhadas as mulheres negras e como esse sentimento pode ser mobilizado para uma atuação mais contundente e interativa do combate aos seus perpetradores.

Deste modo, com as referências acima delineadas que orientam as leituras em curso e as reflexões delas derivadas, nossos objetivos são abordar os afetos a partir do racismo, por meio da estereotipia das mulheres negras e mais especificamente do livro referenciado acima; fazê-lo comparativamente entre as culturas alemã, norte-americana e brasileira; demonstrar que há diversas semelhanças na manifestação destes fenômenos, entre tais diferentes culturas; que as especificidades igualmente observadas derivam das singularidades sociais e políticas nelas encontradas e por último, mas não menos importante, que o diálogo entre os campos da psicologia Vigotskiana, das teorias raciais críticas e dos feminismos afrodiaspóricos é profícuo para analisar a agência, os afetos e a luta antirracista, porque os afetos são transversais às diferentes memórias, narrativas e trajetórias com as quais a humanidade vem se construindo.

2-Letramento racial, agência, afeto e resistência: Audre Lorde na Alemanha

O encontro da “*ativista*”¹³ Audre Lorde com mulheres negras alemãs e aquelas oriundas da diáspora africana na Alemanha (e que teve como origem o curso ministrado pela escritora e poeta na Universidade Livre de Berlim entre 1984 e 1986, sobre poesia e pensamento feminista

¹² Este conceito foi criado por Conceição Evaristo a fim de nomear a escrita que se realiza por meio das experiências de vida, das memórias e do cotidiano de mulheres negras, pobres e de diferentes lugares do Brasil.

¹³ *Artivista* para nós, gostaríamos de assim designar essas mulheres, é a junção entre as palavras arte e ativista que ao formarem essa outra palavra, não só agregam os significados anteriores, mas constroem um terceiro, relacionado à ideia de intelectualidade negra, de modo geral, referida pejorativamente como militância política e aqui muito mais como pensamento intelectual engajado, como já descrito por Gramsci no “intelectual orgânico”.

negro norte-americano) resultou em um rico legado de construção de um movimento de resistência pela igualdade racial e de gênero. À construção do pensamento crítico dentro da academia, correspondeu uma consistente intervenção artística polissêmica que engendrou uma nova configuração de atuação social e política na esfera pública alemã pré-reunificação. Suas obras corporificaram-se em textos, sons, atos, artefatos conjugados em trabalhos que transpassam fronteiras criativas, linguagens, campos semânticos e estéticos.

Neste processo dialético de tomarem consciência de si enquanto alemãs negras e feministas, na maioria lésbicas, reivindicaram uma amálgama entre episteme e ontologia oriundas da transculturalidade que suas vidas evocavam, colocando desafios ao academicismo rígido alemão (Arghavan et al. 2018), que é justamente compreender esta multifacetada combinação de elementos representativos que se contrapunha à tradição e à cultura germânicas. Esses atos performativos permitem um “apagamento de fronteiras” entre os campos artísticos e entre identidade, política e estética. Essas articulações de trato e de sentidos, implodem as designações do que é ser alemão, do que é ser ativista política e do que é arte. No prefácio à edição norte-americana do *Farbe bekennen*¹⁴, assim se expressa a poeta¹⁵:

Afro-German. The women say they've never heard that term used before. I asked one of my Black students how she'd thought about herself growing up. "The nicest thing they ever called us was 'warbaby,'" she said. But the existence of most Black Germans has nothing to do with the Second World War, and, in fact, predates it by many decades. I have Black German women in my class who trace their Afro-German heritage back to the 1890s.

¹⁴ Opitz, May, Oguntoye, Katharina, Schultz, Dagmar. Showing our colors. Afro-germans women speak out. The University of Massachusetts Press, 1992. Livro clássico do feminismo negro alemão, objeto de estudo da tese de doutorado em curso que Cleydia Regina Esteves realiza.

¹⁵ Afro-alemã. As mulheres dizem que nunca ouviram esse termo antes.

Perguntei a uma das minhas alunas negras como é que ela se considerava enquanto crescia. “A coisa mais simpática que nos chamavam era ‘filhas da guerra’”, disse ela. Mas a existência da maioria dos alemães negros não tem nada a ver com a Segunda Guerra Mundial e, de fato, é anterior a ela em muitas décadas. Tenho mulheres negras alemãs na minha turma que remontam a sua herança afro-alemã à década de 1890.

Para mim, afro-alemã significa os rostos brilhantes de May e Katharina numa conversa animada sobre a terra natal dos seus pais, as comparações, as alegrias, as decepções. Significa o meu prazer ao ver outra mulher negra entrar na minha sala de aula, a sua reticência a ceder lentamente à medida que explora uma nova consciência de si própria, ganha uma nova forma de pensar sobre si própria em relação a outras mulheres negras.

“Nunca tinha pensado no afro-alemã como um conceito positivo”, disse ela, falando da dor de ter de viver uma diferença que não tem nome; falando do poder crescente que o auto escrutínio forjou a partir dessa diferença.

Estou entusiasmada com estas mulheres, com o seu sentido de identidade florescente, quando dizem: “Sejamos nós próprias agora, tal como nos definimos. Não somos um produto da sua imaginação ou uma resposta exótica aos seus desejos. Não somos alguns botões no bolso dos seus desejos”. Vejo estas mulheres como uma força crescente de mudança internacional, em concertação com outros afro-europeus, afro-asiáticos e afro-americanos. Opitz, Oguntoye e Schultz, p. vii, 1992.

For me, Afro-German means the shining faces of May and Katharina in animated conversation about their fathers' homelands, the comparisons, joys, disappointments. It means my pleasure at seeing another Black woman walk into my classroom, her reticence slowly giving way as she explores a new self-awareness, gains a new way of thinking about herself in relation to other Black women.

"I've never thought of Afro-German as a positive concept before," she said, speaking out of the pain of having to live a difference that has no name; speaking out of the growing power self-scrutiny has forged from that difference.

I am excited by these women, by their blossoming sense of identity as they say, "Let us be ourselves now as we define us. We are not a figment of your imagination or an exotic answer to your desires. We are not some buttons on the pocket of your longings." I see these women as a growing force for international change, in concert with other Afro-Europeans, Afro-Asians, Afro-Americans. (Optiz, Oguntoye e Schultz, 1992, p. vii).

Inicialmente, nos anos 80 do século XX, com a retomada do neo-conservadorismo de Margareth Thatcher e Ronald Regan e o questionamento do multiculturalismo enquanto política social no norte global, este último provocando um intenso debate na sociedade alemã, as principais leituras destas mulheres vinham do pensamento feminista negro, oriundo sobretudo dos EUA, incluindo as obras de Audre Lorde, da ativista política Angela Davis, das escritoras Tony Morrison e Alice Walker, entre outros. Posteriormente foram incorporados o arcabouço teórico-metodológico da interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw e o ativismo antirracista da escritora bell hooks, além do psiquiatra e escritor caribenho Franz Fanon e o escritor e ativista antirracista norte-americano W. E. B. Du Bois. Nos últimos anos foram adicionadas às análises, as teorias pós-coloniais e culturais e autores como os escritores e ensaístas Edward Said, Homi Bhaba e Gayatri Spivak. Mais recentemente vemos a influência das teorias decoloniais e de pensadores como o semiólogo latino-americano Walter Mignolo.

No livro *Farbe bekennen, Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte*¹⁶ atualmente considerado o livro clássico do movimento afro-alemão, as autoras narram como suas vidas foram impactadas pelo racismo e procuram historicizar a sociedade alemã a partir da presença de pessoas negras naquela comunidade, demonstrando como o preconceito racial, a xenofobia e o essencialismo cultural são parte constituinte do estado-nação alemão.

Tendo em vista esta conjuntura sócio-cultural alemã de final de século, percebemos que Audre Lorde realizou aquilo que atualmente designamos como letramento racial com suas alunas alemãs. Nos cursos ministrados sobre poesia e o pensamento negro norte-americano, ela

¹⁶ May Ayim, Katharina Oguntoye e Dagmar Schultz são as editoras. Trata-se de uma coletânea de textos com diferentes autoras. Tradução livre: "Mostre sua cara, mulheres afro-alemas em busca de sua história". Este livro foi publicado pela primeira vez em 1986 na Alemanha.

construiu uma relação de transmissão de saberes, permeada pela solidariedade racial e de gênero. O convívio entre essas mulheres, as leituras que fizeram, os relatos pessoais e familiares que trouxeram para as aulas foram fundamentais para que se construísse uma relação de confiança e amizade que possibilitou a que essas mesmas mulheres se reconhecessem como afro-alemãs e participantes de um movimento muito maior, relacionado à diáspora africana pelo mundo. Percebemos neste movimento, a construção informada e consequente de uma agência radical transformadora entre suas alunas (Stetsenko, 2020). Assim a poeta se manifesta a seguir ao prefácio da obra:

Todas as mulheres que falam neste livro com suas experiências pessoais, todas tiveram infâncias invisíveis e violentas. Elas eram consideradas alemãs marcadas ou imperfeitas: cada uma dessas mulheres afro-alemãs tinha de encontrar seu próprio caminho para a autodeterminação e superação, explorando de perto a dupla consciência de sua herança ambivalente como africana e como alemã. E porque este caminho leva à pertença racial, cultural e nacional, ele é minado com questões emocionais de lealdade e rejeição, patriotismo e racismo. O caminho do autoconhecimento para o empoderamento, significa usar a complexidade e a coragem contra uma maré de intolerância e ódio dirigida aqueles que são diferentes.

(...)

Suas palavras documentam sua recusa em afastar o desespero apenas com invisibilidade ou silêncio. Enquanto não articularmos nossa opressão, não poderemos combatê-la. Portanto, levantem-se e não fiquem mais em silêncio! (Ayim, Oguntoye e Schultz, 2020, p. 24/25).

Para compreender melhor esse processo de autorreconhecimento e de construção de uma identidade pessoal e de grupo, nos auxiliamos na obra da professora Aparecida Ferreira da Silva, especialista em letramento racial crítico no campo das linguagens. Conforme esta última, as teorias raciais críticas operam segundo cinco princípios fundamentais; são eles: a interseccionalidade de raça e racismo, o desafio à ideologia dominante, o compromisso com a justiça social, a perspectiva interdisciplinar e a centralidade do conhecimento experiencial¹⁷. Para a autora

Letramento racial crítico reflete sobre raça e racismo. Possibilita-nos ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais. (...) e como formadora de professores/es que sou, entender a importância de utilizar o letramento racial crítico na minha prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade (Ferreira, 2015, p.138).

¹⁷ Aula magna ministrada na UTFPR sobre Letramento Racial Crítico. Aparecida de Jesus Ferreira, página do Youtube da autora, outubro de 2022.

Tendo em vista o que foi escrito acima, observemos o último e central princípio do conhecimento experiencial. É a partir dele que se estabelece neste estudo, a importância da agência como elemento fundante do processo de constituição do movimento afro-alemão nos anos 80 do século XX e de suas consequências enquanto desenvolvimento do que atualmente os próprios negros alemães denominam como *Schwarze Community*¹⁸, ou seja, a criação de uma comunidade de interesses, de autorreconhecimento e de identidade que tem como núcleo o pertencimento à diáspora negra no mundo e aos seus descendentes na Alemanha.

Para relacionar agência, afeto e racismo segundo o contexto histórico e social com o qual estamos trabalhando, escolhemos como suporte teórico a autora Anna Stetsenko (2016) e suas reflexões no campo das teorias de Vygotsky sobre desenvolvimento humano, psicologia e educação; especialmente seu texto “Agência-radical transformadora: continuidades e contrastes em relação à agência relacional e implicações para a educação”. As ideias, os conceitos e o desenvolvimento analítico esboçados nesse artigo se prestam de maneira muito proveitosa para a reflexão que estamos fazendo aqui. A autora inclusive cita Audre Lorde e sua importância para os estudos raciais, incluindo o racismo e o gênero, além da questão de classe como elementos fulcrais para se compreender a agência como um processo que se constitui na relação intrínseca entre o ser e sua comunidade de entorno. A co(laboração) no sentido dos interesses comuns, a (co)participação no sentido da práxis mobilizadora e a co-constituição como autorreferente agem de forma coetânea e consequente para que a agência possa emergir como ente transformador. Como afirma Hoeder numa entrevista sobre seu livro *Wut und Böse*

*Die bittere Wahrheit ist: Wer nie wütend ist, akzeptiert den Status-Quo. Es legitimiert, dass tief verwurzelte Vorurteile über Race, Geschlecht, Sexualität, Behinderungen, Armut und so vieles mehr überdauern. All die eben aufgeführten Probleme verschwinden nicht durch ein freundliches und ausgeglichenes Lächeln. Wer nicht wütend ist, findet die Welt, wie sie ist, in Ordnung. Es ist die Akzeptanz von Ungerechtigkeit. Die Folge unterdrückter Wut ist Stillstand*¹⁹. (Hoeder, s/p, 2022).

¹⁸ Tradução: Comunidade negra. Percebe-se que o termo está em alemão e inglês, o que denota a influência do movimento negro norte-americano em sua composição. Há uma questão temporal quanto à própria nomeação de grupo que se adota. Ela varia segundo o período histórico, o avanço analítico do processo de autorreconhecimento e agregação de outras lutas e outras escalas de atuação. Assim temos Afro-deutsche, Schwarze Deutsche, Schwarze Community, BPoC ou FLINTA, acrônimos para Black Person of Color e Frauen, Lesben, Intersexuelle Menschen, Nicht-binär, Transgender, Agender.

¹⁹ Tradução livre: A amarga verdade é: se você nunca fica com raiva, você aceita o status quo. Legitima a persistência de preconceitos profundamente enraizados sobre raça, gênero, sexualidade, deficiência, pobreza e muito mais. Todos os problemas listados não desaparecem com um sorriso amigável e equilibrado. Se você não está com

Stetsenko começa o artigo fazendo um “estado da arte” acerca dos estudos sobre agência nos campos da psicologia e da educação a partir de Vygotsky e tece críticas aos autores que organizam analiticamente a agência relacional tendo em vista uma certa “passividade” frente aos desafios postos aos mais vulneráveis (trabalhadores, imigrantes, mulheres, LGBTQIA, negros) pelo neoliberalismo em sociedades capitalistas cada vez mais colapsadas.

Assim sendo, a autora propõe uma radicalização da agência ao deslocá-la do âmbito unicamente pessoal e individualista e pô-la na confluência entre a pessoa e a comunidade, de modo que ambas possam promovê-la na interação entre identidade e reconhecimento. Fato que ocorreu justamente com os movimentos negros nos Estados Unidos, no Brasil e na Alemanha, a partir da década de 60 do século XX, na luta pelos direitos civis e reconhecimento social destes grupos.

A agência tem um papel formativo nos processos de correalização tanto do desenvolvimento humano, da dinâmica sócio-histórica geral, quanto do próprio mundo. É importante ressaltar que o desenvolvimento da agência depende do acesso a ferramentas culturais que precisam ser fornecidas pela sociedade e adotadas ativamente por cada indivíduo. Existem conjecturas e implicações sociopolíticas fortemente contrastantes voltadas às questões das desigualdades e das injustiças na educação. A noção de uma agência radical-transformadora é empregada para expor e superar ideologias de adaptação passiva e aquiescência com a ordem existente das coisas e do mundo como presumivelmente “é” (Stetsenko, p.1, 2023).

A autora continua sua argumentação contestando algumas das premissas dos autores e artigos que justificam aquele enfoque, demonstrando que em vez de transformar a agência, essas interpretações a limitam em seu potencial de intervenção e mudança social. Portanto para ela

O que é necessário, em outros mundos, para abordar a agência e seu papel no desenvolvimento humano, é uma revisão filosoficamente fundamentada; de fato, uma revisão das principais suposições sobre o desenvolvimento humano, a mente, a natureza do conhecimento e, em última análise, a própria realidade - longe de suposições de passividade, acomodação, quietismo e adaptação ao status quo. (Idem, p. 3).

Assim se posicionou Audre Lorde em seus cursos na Alemanha e em suas obras, assim agiu Lélia Gonzalez em sua vida acadêmica e política no processo de redemocratização do Brasil e tantas outras intelectuais agiram pelo mundo afora, especialmente no sul global. Acompanhando o raciocínio da autora, temos em um ponto de apoio que coincide com o percurso do movimento afro-alemão e o protagonismo das mulheres negras nesse processo. E aqui a amálgama entre

raiva, você acha que o mundo está bem do jeito que está. É a aceitação da injustiça. O resultado da raiva reprimida é a estagnação.

teoria e fato histórico corroboram o esquema apresentado acima, pois meio século depois de iniciadas as lutas por reconhecimento, vimos o avanço das conquistas sociais, políticas e culturais dos negros nestas sociedades; senão vejamos:

O passo necessário hoje, a meu ver, é expandir dialeticamente a relacionalidade por meio da noção de que o desenvolvimento humano é um projeto ativista que não está apenas imbuído de dialogismo, ética e inter-relação, mas também, e mais criticamente, fundamentado em ações colaborativas, propositais, e contribuições responsáveis (ações) por atores agentes de práticas sociais e, portanto, inelutavelmente coloridos por visões e compromissos com projetos particulares de transformação social (Ibidem, p.4).

Isso posto podemos inferir que aquelas mulheres afro-alemãs por meio do seu ativismo intelectual, político, estético e literário colocaram em prática, uma agência insurgente frente à invisibilidade que a sociedade alemã as destinava, não só como cidadãs daqueles país, mas igualmente como grupo social que compõe aquela nação (Ayim, Oguntoye e Schultz, 2020). Suas ações agregadoras e expansivas a outros grupos sociais e a outras demandas civis, ampliaram o escopo de suas lutas e confrontaram as narrativas de homogeneidade racial, cultural e étnica da Alemanha. Ao contrário de um conformismo sócio-econômico, de uma adaptação ao status quo e de uma composição cultural harmonizadora

(...), a agência radical-transformadora trata de lutas contra a desigualdade, a opressão econômica, o racismo e outras formas de injustiça, pois estão operando dentro de comunidades locais, incluindo escolas, mas também porque inevitavelmente fazem parte da dinâmica histórica e politicamente contingente geral, em conexão com contextos mais amplos da luta histórico-mundial. Essa luta histórico-mundial, em suas expressões e encenações atuais (como eu a vejo, em sincronia com muitos estudiosos críticos) é primordial e centralmente contra o regime socioeconômico e político neoliberal-capitalista que hoje é o desafio central e o principal desafio histórico e político, força contingente que precisa ser resistida e combatida. (Stetsenko, 2023, p.12)

Nós estamos analisando um movimento de longo curso, iniciado há mais de cem anos atrás, quando os primeiros imigrantes africanos que chegaram à Alemanha²⁰, entre os séculos XIX e XX, lutaram para que suas famílias miscigenadas, fruto de união com mulheres alemãs, fossem reconhecidas, que seus filhos tivessem a nacionalidade alemã, que eles enfim pudessem ter as mesmas condições de trabalho, moradia e educação dos demais alemães (Aitken, Rosenhaft, 2013). Embora em número pequeno, esses imigrantes africanos tinham conhecimento e noção das condições de discriminação em que se encontravam e foi por isso que se juntaram à luta dos

²⁰ A imigração africana para a Alemanha foi realizada em quase sua totalidade por homens. É um movimento masculino tendo em vista as formas pelas quais as sociedades neste momento se organizavam, tanto na África, quanto na Europa.

trabalhadores, do movimento de esquerda e dos socialistas para reivindicar melhores condições de vida.

Essas lutas inclusive tinham uma repercussão para além da Alemanha, elas reverberavam para grande parte da Europa, especialmente suas metrópoles, integrando outros contingentes de imigrantes africanos, trabalhadores, intelectuais das mais diversas regiões do mundo, como é o caso do intelectuais negros norte-americanos como W. B. du Bois. Portanto é uma longa história de resistência contra o colonialismo, o capitalismo e o racismo e todas as formas de preconceito, tanto em termos práticos quanto teóricos. Nesse sentido concordamos com a autora quando afirma que

Ao prosseguir nessa abordagem, a necessidade é conectar-se à rica tradição de teorias críticas de resistência e consciência de oposição - como teorias da raça crítica, abordagens decoloniais e filosofia da libertação, no espírito de estratégias de construção de alianças para globalizar a resistência de baixo para cima, como colocado por Davis (2000). A estratégia inclui conectar-se a obras clássicas não apenas de Marx e Vygotsky, mas também de W. E. B. Du Bois, Frantz Fanon, e a obras contemporâneas de Gloria Anzaldúa, Chela Sandoval, Audre Lorde e Angela Davis, entre muitos outros (Idem, p. 17).

3. Artistas negras alemãs, mídias digitais e literatura alemã contemporânea.

Até a parte anterior, o exercício foi analisar, de um ponto de vista histórico, político, social e teórico o percurso do movimento afro-alemão, o protagonismo das mulheres negras alemãs nesse processo e ao fazê-lo comparativamente, usamos como exemplo, um dos estereótipos que perpassa a luta dessas mulheres que compõem a diáspora africana pelo mundo. O mito da mulher negra raivosa é uma maneira de silenciar e desprezar a voz dessas mulheres no contexto mais amplo de luta por reconhecimento e melhores condições de vida. Ao confinar o que é dito na forma como é expresso, esta interpretação sexista e racista menospreza e invisibiliza o conteúdo reivindicativo, desqualifica os argumentos e deslegitima o discurso dessas ativistas, condenando o afeto com o qual ele vem à público, acusando-o de irracional, não ponderado, não civilizado. Assim operando outra forma de discriminação, que é aquela de julgar os africanos, seus descendentes e de modo geral, os povos do sul global como aqueles mais perto da natureza, por uma afeição próxima dos instintos naturais humanos e, portanto, mais afastados da cultura, como uma elaboração mais sofisticada e racional do fazer humano. Compreensão esta que tem longa data e acompanha mesmo a instituição da modernidade e da colonialidade como formas de poder e saber (Mignolo, 2011; Maldonado-Torres, 2017).

Nesta seção do artigo vamos nos deter mais precisamente à análise do livro citado na introdução e deslindá-lo como obra literária. É preciso compreender que ele é fruto das reflexões, militância e do trabalho da autora como jornalista. Anteriormente ao livro, ela fundou, junto com outras afro-alemas uma revista online, cujos objetivos são

(...) uma revista on-line sobre estilo de vida que informa, inspira e fortalece mulheres negras e amigas. A ROSAMAG retrata a vida multifacetada das mulheres negras modernas. Desde dicas de cuidados naturais para cachos afro, entrevistas inspiradoras, comentários empolgantes e matérias edificantes - nós celebramos as mulheres negras! Queremos criar modelos de conduta e mostrar nossa diversidade²¹.

Nas últimas décadas, as mídias digitais foram o lugar da expressão estética mais efetivo por sua capacidade de divulgação, mescla de campos artísticos e informatizados, pela experimentação audiovisual, pelo diálogo com outros atores da cena cultural e do espaço público. A multimodalidade das performances e a expressividade imagética deram novos tons aos textos e as mensagens, de modo a capturar os novos sentidos e propósitos estético-políticos dessas *artistas*. Exemplos dessa atividade são as escritoras Sharon Otoo²², Natasha Kelly²³, Tupoka Ogette²⁴, Grada Kilomba²⁵, a revista online RosaMag²⁶, entre outras protagonistas e atividades de interesse. Percebemos que parte delas, nascidas em outros países europeus, descendentes de africanos e europeus, buscaram desenvolver seus trabalhos e ativismo na Alemanha.

Nos anos seguintes à reunificação alemã, o país atraiu artistas, intelectuais e uma diversidade de imigrantes em busca de um ambiente social e estético mais aberto e tolerante. Infelizmente nos últimos anos vemos crescer na Alemanha, assim como de resto na Europa, movimentos de extrema-direita e abertamente neonazistas que se colocam contra a imigração, são xenófobos e discriminam sobretudo negros, árabes e muçulmanos.

²¹ Original em alemão: ... ein Online-Lifestylemagazin, das Schwarze Frauen* und Freund*innen informiert, inspiriert und empowert. ROSAMAG porträtiert die facettenreichen Lebenswelten der modernen Schwarzen Frau. Von natürlichen Pflegetipps für Afrolocken, inspirierenden Interviews, mitreißenden Kommentaren und beflügelnden Reportagen - Wir zelebrieren Schwarze Frauen! Wir möchten Vorbilder schaffen und unsere Diversität zeigen.

²² Escritora e ativista política, a primeira autora negra a ganhar o prêmio alemão Ingeborg Bachmann por seu conto *Herr Gröttrup setzt sich hin*. <https://sharonotoo.com>.

²³ Escritora, curadora, jornalista e ativista política. <https://www.instagram.com/natasha.a.kelly/>.

²⁴ Escritora, ativista política com atuação em ações contra o racismo. <https://www.instagram.com/tupoka.o/>.

²⁵ Escritora, psicóloga, curadora e artista. <https://www.instagram.com/grada.kilomba/>.

²⁶ <https://rosa-mag.de/>.

Há aqui um tropo importante a considerar que é a mestiçagem. A compreensão do que é ser negro varia segundo as condições históricas e sociais de cada país. Nos EUA o *One-drop rule*²⁷ deixa claro as classificações de raça naquele país. Na Alemanha tem-se um contexto mais singular, isto é,

(...) as leituras de pertencimento na sociedade alemã e o atravessamento de diferentes marcadores sociais, levam-nos a considerar a branquitude e um certo “excepcionalismo alemão” nesse sentido. Dentro da retórica histórica e nacionalista alemã, legitimada por um cientificismo racista de base altamente hierarquizada, os alemães enquanto povo, seriam os “brancos dos brancos”; ou seja, estariam no topo de uma certa pirâmide racial, onde outros povos europeus, ou seja, brancos, são tidos como inferiores (os eslavos) ou de segunda classe (os europeus do sul: gregos, italianos, espanhóis e portugueses). Eles seriam modernamente falando, os “escolhidos” e essa retórica mítica tem muito de um conservadorismo prussiano patriarcal, puritano, operando em conjunto com mitologias nórdicas de religião e pureza étnica (Esteves, 2023, p. 11).

No Brasil, tema de profundas disputas e recorrentes debates públicos e políticos, a mestiçagem tem uma longa história que compõe a própria formação do país. Narrativas de origem, ideias de pertencimento e identidade, nação e povo perfazem o debate que se renova segundo o momento político e histórico. Um marco neste processo foi o concurso do IHGB²⁸ em 1844, no qual seria escolhida a melhor explicação e forma de se escrever a história do Brasil. A proposta vencedora de Von Martius²⁹ com a integração das três raças (indígenas, africanos e europeus), passando por Gilberto Freyre³⁰ e a democracia racial, pelo branqueamento da população brasileira e os pensadores conservadores eugenistas como Oliveria Vianna e Nina Rodrigues, com Darcy Ribeiro³¹ e seu livro “Formação do Povo Brasileiro” (1995), até o debate atual do movimento negro, com a obra de Kabelenge Munanga³² e o trabalho estatístico do IBGE³³ sobre mestiçagem e o que é ser negro, preto e pardo no Brasil.

²⁷ A regra de uma gota era um princípio legal de classificação racial que foi proeminente nos Estados Unidos do século XX. Ela afirmava que qualquer pessoa com até mesmo um ancestral de ascendência negra (“uma gota” de “sangue negro”) é considerada negra (negro ou de cor em termos históricos).

²⁸ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838 no Rio de Janeiro, então capital do Império.

²⁹ Carl Friedrich Philipp von Martius, naturalista alemão.

³⁰ Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro, designado como um dos intérpretes do Brasil., publicou Casa Grande e Senzala em 1933, livro clássico sobre a história do Brasil.

³¹ Darcy Ribeiro, antropólogo brasileiro, se dedicou ao estudo dos indígenas brasileiros.

³² Kabelenge Munanga, antropólogo congolês, naturalizado brasileiro, se dedica ao estudo do racismo no Brasil.

³³ Dados estatísticos e contagem da população por etnia e raça oficialmente estabelecidas.

O tema da raça³⁴ é evitado de modo geral na Alemanha e o debate, necessário, sobre as discriminações advindas dele, acabam sendo concentradas ao contexto histórico nazista quando, na verdade, ele é bem anterior ao século XX e perpassa aquela país em seu processo de formação enquanto estado-nação. O essencialismo étnico e cultural que o legitima bem como os costumes e valores que lhe dão sentido, reforçam esse caráter excludente do outro enquanto *ausländer*³⁵. Deste modo, aquelas ativistas que fundaram o movimento afro-alemão enquanto um lugar de disputa de narrativas e afirmação de identidade, assim se colocaram diante desse debate

O termo "afro-alemão" não pode e não deve ser usado para definir as pessoas de acordo com sua origem ou cor de pele, como sabemos muito bem, o que significa sofrer com a exclusão. Em vez disso, queremos usar o termo "Afro-alemão" para contrastar a termos tradicionais como "Mischling" (mestiço), "Mulatte" (mulata) ou "Farbige" (de cor), como uma tentativa de nos definir em vez de sermos definidas (Ayim, Oguntoye e Schultz, 2020, p. 20).³⁶

4. Wut und Böse – Coragem e Maldade - O livro

*Zicken, Diven, Hysterikerinnen, Schreckschrauben: Frauen, die ihrer Wut freien Lauf lassen, haben schnell ihren Ruf weg. Mädchen werden zu stiller Eleganz erzogen, nicht zu Durchsetzungsfähigkeit. Doch weibliche Wut ist ein Geschenk, und wir müssen lernen, sie als solches wahrzunehmen. Das Frauenwahlrecht, #Aufschrei und der Women's March: Richtig eingesetzt, kann Wut zu einer mächtigen Waffe gegen persönliche und politische Unterdrückung werden und uns helfen, die Welt zu verändern. Die Journalistin Ciani-Sophia Hoeder zeigt, wie aus Wut Mut zur Veränderung wird (Hoeder, 2021, s/n.)*³⁷.

A obra compõe-se de 224 páginas divididas em 5 capítulos, mais um glossário, fontes e agradecimentos. Os capítulos têm por título: O que é uma mulher, O que é raiva, mulheres e raiva, Raiva e discriminação, Raiva como um catalizador para a mudança. A obra busca tratar dos temas de forma clara e objetiva, mas com uma linguagem mais corrente, próxima de um estilo mais livre e direto. Parece que a autora busca o diálogo com um público mais amplo, mais jovem e por isso o livro tem uma organização que busca o esclarecimento, trazendo fatos do racismo cotidiano,

³⁴ Rasse em alemão, está profundamente relacionado ao nazismo e ao holocausto judeu, muito embora tenha remetimentos anteriores no genocídio cometido por alemães na África contra os Herero e os Nama, na atual Namíbia. Esse é um assunto tabu naquele país, sempre referido aos primeiros e quase nunca aos segundos. Há aqui uma disputa de sentidos e discurso que extrapola nossos objetivos nesse texto.

³⁵ Estrangeiro em alemão. Essa questão foi bem estudada por Nöbert Elias em "Os Alemães".

³⁶ Tradução livre.

³⁷ Tradução livre: Vadias, divas, histéricas, bruxas: as mulheres que dão vazão à sua raiva perdem rapidamente sua reputação. As meninas são educadas para serem discretamente elegantes, não assertivas. Mas a raiva feminina é uma dádiva, e precisamos aprender a reconhecê-la como tal. O direito feminino, o #outcry e a Marcha das Mulheres: usados corretamente, podem tornar a raiva uma arma poderosa contra a opressão pessoal e política e nos ajudar a mudar o mundo. A jornalista Ciani-Sophia Hoeder mostra como a raiva pode se transformar em coragem para a mudança.

fatos recentes do universo alemão, europeu e, de modo geral, dos países do norte global. Neste sentido ela cita a cantora norte-americana negra Beyoncé, a tenista norte-americana negra Serena Williams, a ex-primeira-dama dos Estados Unidos, mulher negra, Michelle Obama, entre outras mulheres negras de fama internacional.

A autora dedica o livro à mãe e o conhece narrando um episódio em um supermercado, onde sua mãe, mulher solteira com duas filhas pequenas e pouco dinheiro, percebe um erro na nota fiscal: veio um valor superior àquele que deveria ser cobrado. Esta última comunica o erro ao caixa, mas esse apenas sugere que espere. Vinte minutos depois ela pede para falar com o gerente do comércio, já bastante irritada com a espera e o desrespeito à sua demanda³⁸.

A autora toma esse pequeno exemplo do cotidiano para expressar a reação raivosa da mãe como uma forma de demonstrar que a sociedade se organiza às avessas das necessidades dos mais vulneráveis, expondo-os a situações públicas vexatórias onde são, de modo geral, condenados socialmente pela forma como reagem. Em um país onde a burocracia, a ordem e a disciplina têm grande valor cultural, insurgir-se contra o sistema e os pequenos poderes que o estado concede aos funcionários públicos (pessoas em situação de mando e responsáveis por serviços aos cidadãos) para decidir sobre seus interesses, é um ato de insurgência e demanda aquela agência radical que não se conforma com o *status quo*. Agora imagine-se essa cena com imigrantes, negros, muçulmanos e mulheres pobres com filhos pequenos, que buscam acessar serviços públicos enquanto pessoas de direito.

Com esse exemplo, Ciani-Sophia Hoeder demonstra como a reprodução da vida cotidiana, em sociedades capitalistas ocidentais, está organizada para atender aos interesses dos homens brancos que comandam a circulação do capital; que se espera das mulheres um comportamento padronizado, segundo os interesses e as necessidades dos que estão integrados a essa lógica impessoal e hierarquizada que está disseminada por toda a sociedade (Gonzalez, 2018).

Na continuidade da apresentação, a autora reflete sobre as desiguais condições que homens e mulheres vivem no que tange ao relacionamento afetivo e sexual, ao trabalho, ao lazer e demais situações em que ficam claras, as desvantagens em ser mulher nessas sociedades. Considera também como as emoções são julgadas segundo comportamentos esperados e que a

³⁸ Há na Alemanha, em relação aos recém-chegados um choque cultural com os caixas de supermercado: Não há contato visual e eles costumam ser severos; passam as compras demasiado rápido, de modo que se tem muito pouco tempo para organizá-las nas bolsas e pegar a conta. Se se “demora” com a tarefa, os demais que estão na fila começam a expressar desagrado e incômodo com a situação.

raiva normalmente é vista com mais condescendência em atitudes masculinas do que com as femininas. De uma mulher em público espera-se atitudes mais discretas, gentis e compreensivas. Uma mulher com raiva é vista como descontrolada, emocional e irracional (Lorde, 2019; Graffin, 2022).

O livro tem uma linguagem identitária³⁹. Ele faz parte do seu tempo, tem todas as referências teóricas e conceituais desse campo de debate, sem ser exaustivo ou aprofundado. Como tal a autora afirma que a identidade é um espectro⁴⁰. São citados os grandes nomes do pensamento feminista negro norte-americano como Audre Lorde e também Judith Butler⁴¹ para as questões de gênero, assim como a interseccionalidade como método. A obra é escrita em diálogo com as ideias e pensadores dos EUA embora os casos citados de racismo e micro agressões cotidianas sejam aqueles vividos na Alemanha e divulgados na imprensa global. Como produto literário, ele se encaixaria no modelo de um “livro de divulgação”, para um público mais jovem e/ou pouco informado sobre seu conteúdo. É possível pensar que ele tenha um formato mais ensaístico ou de crônica. Como exemplo do que afirmamos anteriormente, este trecho do texto ilustra como as denominadas minorias étnicas ou as diferenças são percebidas nessas sociedades ocidentais.

Durch dieses System gibt es vorgefertigte Rollen, wie die Angry Black Woman, die »Kampfliebe« und die »immer fröhliche Dicke« — um nur einige festgelegte Rollen, sogenannte Tropen, aufzuzählen. Denn es ist so, wenn Personen einen Makel haben und von der gesetzten Norm abweichen, nämlich nicht männlich, nicht weiß, nicht cis, nicht heterosexuell oder dünn sind, dürfen sie vor allem eines nicht sein: wütend⁴² (Idem, p.92/93).

Deste modo, a escritora não centra o debate somente na questão racial, mas amplia o escopo para as questões de gênero (patriarcado e queer), de classe, bem como para os temas da xenofobia, da biopolítica, como por exemplo, os “corpos não normatizados” (obesidade, deficiência etc.) e outros marcadores de exclusão social. Suas afirmações se apoiam em estudos científicos de pesquisadores: psicólogos, médicos, biólogos, sociólogos e demais cientistas sociais.

³⁹ Esse termo tem gerado um constante e aceso debate na academia e no espaço público. O objetivo ao usá-lo aqui é apenas delimitar os temas abordados nos capítulos.

⁴⁰ Dabei ist es nicht meine Intention, diese Geschlechterbinarität zu reproduzieren, sondern ganz im Gegenteil, **will ich darauf aufmerksam machen, dass Identität ein Spektrum ist**. p.13 grifos nossos.

⁴¹ *Frausein sei eine Performance*. p. 15.

⁴² Tradução livre: Este sistema significa que existem papéis pré-fabricados, como a mulher negra zangada, a "lésbica lutadora" e a "mulher gorda sempre alegre" - para citar apenas alguns papéis fixos, os chamados *tropes*. Porque o fato é que, se as pessoas têm um defeito e se desviam da norma estabelecida, principalmente se não são homens, não são brancas, não são cis, não são heterossexuais ou não são magras, não lhes é permitido ser uma coisa acima de tudo: zangadas.

Por outro lado, Ciani-Sophia Hoeder dialoga com escritoras e obras clássicas para afirmar sua interpretação acerca das causas feministas na contemporaneidade. Assim, ela aproveita a frase histórica da ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos Sojourner Truth, *Bin ich nicht eine Frau? (Ain't I a Woman?)* para nomear seu segundo capítulo, *Was ist eine Frau?*, muito embora possamos fazer ilações com o psicanalista austríaco Sigmund Freud e sua pergunta: mas afinal o que quer uma mulher? E na mesma toada ela cita a escritora francesa Simone de Beauvoir e seu livro, *O Segundo Sexo*. Para a autora portanto

Die Definition von »Frau« in diesem Buch ist also weder rein biologisch noch rein sozial oder kulturell. Vielmehr ist Frausein eine komplexe Verhandlung eines vielschichtigen Systems. »Frau« bleibt ein nützliches Kürzel für die Verschränkung von Weiblichkeit und sozialem Status, unabhängig von der Biologie — nicht als Identität, sondern als Name für eine imaginierte Gemeinschaft, die sich gegenseitig empowert, zusammenhält und die kollektiv die Grenzen einer sexistischen Gesellschaft erlebt und diese überschreitet.⁴³ (Ibidem, p.18).

Entretanto, se por um lado a autora estrutura seu livro em diálogo com tradições de pensamento e correntes teóricas de diferentes contextos literários e culturais, por outro lado, há algumas diferenciações no trato dos sentidos, da linguagem e da abordagem que retratam bem o contexto alemão no que tange às condições sociais das quais ele emerge. Uma que se ressalta na leitura do livro, são os termos em inglês para designar comportamentos preconceituosos, para nomear categorias de análise e fatos históricos que demonstram bem como a ausência na língua alemã desses nomes, na verdade revela o apagamento linguístico e o silenciamento do debate sobre determinados temas na cultura alemã. Como já assinalado por outros estudiosos, essa também é uma forma dos alemães exteriorizarem questões mal resolvidas internamente, ao projetá-las na cultura e história dos EUA⁴⁴. Isto se dá especialmente quando se trata do racismo contra negros e a ideia de raça, subsumidas que foram depois da segunda-guerra mundial ao debate do nazismo e o antissemitismo (Moita Lopes, 2021).

Um exemplo disso é justamente o termo *Tone Policing*. Este termo denota o regramento e controle social do tom de voz como um indício de civilidade e autocontrole emocional. É então

⁴³ Tradução livre: A definição de "mulher" neste livro não é, portanto, nem puramente biológica, nem puramente social ou cultural. Pelo contrário, ser mulher é uma negociação complexa de um sistema com várias camadas. "Mulher" continua a ser uma abreviatura útil para o emaranhado da feminilidade e do estatuto social, independentemente da biologia - não como uma identidade, mas como um Nome para uma comunidade imaginada que se empodera mutuamente, se mantém unida e coletivamente experimenta e transcende as fronteiras de uma sociedade sexista.

⁴⁴ Ver Aikten, 2018 e Gösttsche, 2003.

por meio do comportamento aceito como normal e adequado, isto é, aquele legitimado por valores e costumes burgueses que se elabora as condições de debate e diálogo no espaço público. Deste modo, ao se expressar oralmente, a pessoa deve, não somente, moderar o tom de voz, mas igualmente coordenar os gestos em consonância com aquele (Graffin, 2022). Nas palavras da autora

Dieses Phänomen hat einen Namen: »Tone Policing.« So wird es genannt, wenn eine völlig berechnete Beschwerde wegen der Art und Weise, wie sie vorgebracht wird, als irrational abgestempelt wird. Wer sein Anliegen vernünftig und ruhig vorträgt, werde gehört, wird immer wieder von den Gesprächspartner:innen betont. Wer laut und wütend kritisiert, sei unkonstruktiv und irrational. Auf die eigentlichen Argumente wird nicht eingegangen. Laut Dr. Michaela Dudley ist Tone Policing eine Art zu sagen: »Ich höre dir nicht zu. Diese Debatte wird wegen Formalitäten vertagt. Diese Diskussion führen wir heute nicht, weil du das Formular nicht richtig ausgefüllt hast.« Tone Policing unterdrückt bereits marginalisierte Menschen nur noch weiter. Und es ist eine lang etablierte Tradition, um Menschen von Entscheider:innenpositionen fernzuhalten⁴⁵ (Hoeder, 2021, p. 56).

Então é a partir das emoções, sobretudo, e seu controle social que a autora situa o mito da mulher negra raivosa⁴⁶. Interessante que o faz, em grande parte, tomando a expansão da cultura de massa norte-americana com a difusão dos meios de comunicação no pós segunda-guerra mundial, especialmente a televisão e seus produtos, as novelas, séries e programas ao vivo. As figuras estereotipadas que a escritora analisa são aquelas da cultura dos Estados Unidos. A autora argumenta que esse tipo de preconceito e sua personificação na mulher negra alemã chegaram junto com a massificação das televisões neste país. Deste modo, ela justifica que

Davor seien schwarze Menschen in Europa eher als Könige oder Heilige dargestellt worden. Danach würden sie „auf einer Achse zwischen einer Tumbheit“ – hier nennt sie die Figur des Uncle Sam – „und dem hypersexuellen, aggressiven schwarzen Mann“ beschrieben. Analog dazu bei Frauen „die tumbe Afrikanerin oder versklavte Frau und auf der anderen Seite diese wütende schwarze Frau, die auch eine exotische und sexuelle Komponente hat, in diesem Konstrukt“⁴⁷ (Idem, p. 102.).

⁴⁵ Tradução livre: Este fenômeno tem um nome: "tone policing". É assim que se chama quando uma queixa totalmente justificada é rotulada de irracional devido à forma como é apresentada. Aqueles que apresentam as suas preocupações de forma razoável e calma serão ouvidos, sublinham repetidamente os interlocutores. Aqueles que criticam em voz alta e com raiva são considerados pouco construtivos e irracionais. Os argumentos propriamente ditos não são abordados. Segundo a Dra. Michaela Dudley, o policiamento do tom é uma forma de dizer: "Não vou te ouvir. Este debate está suspenso por uma questão de comportamento inadequado. Não vamos ter esta discussão hoje porque não preencheu corretamente o formulário". O policiamento do tom só oprime ainda mais as pessoas já marginalizadas. E é uma tradição de longa data mantê-las fora dos lugares de decisão.

⁴⁶ Outro termo usado em inglês é *angry black woman* em vez de *wütend schwarze Frau*, que é aquele que nomeia e dá sentido ao mito da mulher raivosa.

⁴⁷ Tradução livre: Antes disso, os negros na Europa eram geralmente retratados como reis ou santos. A partir daí, passaram a ser descritos "num eixo entre a burrice" - aqui menciona a figura do Tio Sam - "e o negro hiper sexualizado e agressivo". Da mesma forma, no caso das mulheres, "a mulher africana burra ou escravizada e, do outro lado, essa mulher negra zangada, que também tem uma componente exótica e sexual, nessa construção".

Segundo essas passagens e a leitura do livro percebe-se que a autora não faz a crítica ao estereótipo da mulher negra raivosa a partir da cultura alemã, mas colocando-a no contexto maior da ampliação da cultura de massa que tem origem nos EUA, após a segunda-guerra mundial. Se estivermos corretos quanto a essa interpretação, ela nos causa um estranhamento porque entre os séculos XVIII e XIX, especialmente durante o período de unificação do país e a constituição do estado-nação alemão, disseminou-se pela cultura germânica concepções de povo, nação e cultura (língua) profundamente essencialistas, corroboradas nas ideias de seus mais eminentes filósofos e posteriormente legitimadas pelo cientificismo eugenista que afirmavam a superioridade dos povos europeus em relação aos povos africanos, asiáticos e indígenas (Martins, 2016). Deste modo

A institucionalização do poder e do saber na Alemanha foram feitos de modo a referendar a narrativa hegemônica sobre as ideias de nação, povo e cultura. A pretensa homogeneidade étnica e linguística alemã serve de pano de fundo para as classificações e aceitação/recusa do outro nesta sociedade. Deste modo, “Ausländer” tem um significado racializado e isto reverbera na relação com os imigrantes e outros povos. Como tal, ser alemão e ser negro parecem ser condições excludentes. A ideia de corpo e a construção da noção de corporeidade na Alemanha, exclui os atributos físicos da negritude. Ser alto, louro e de olhos azuis erige-se como métrica de pertencimento e identidade social. Assim sendo, o corpo negro desestabiliza o “corpo-território” da nação alemã, põe em questão os atributos físicos da germanidade tomada como um todo coerente e indistinto (Arghavan, Hirschfelder, Kopp e Motyl, 2019, p. 26).

Creemos que o livro não é exaustivo no trato das questões, nem é um livro acadêmico, mais teórico nas ideias e formas de expô-las. Portanto, não elucida, ou antes, não se prende às questões alemãs mais prementes aos temas apresentados. A autora as invoca, porém no conjunto mais amplo de uma análise das performatividades nas culturas pós-modernas dos países ocidentais. É possível que uma certa superficialidade na análise de algumas questões tenha prejudicado o esclarecimento de outras, dado a relação intrínseca entre elas. Isso nos faz pensar se mesmo na crítica aos preconceitos, especialmente o racial, a autora não tenha conseguido o distanciamento necessário da cultura alemã para criticá-la a partir de dentro (Göttsche, 2003). Fica evidente aqui uma questão dialética que é estabelecer os limites pelos quais se pretende exercer a crítica cultural e determinar o horizonte de observação, de modo a lançar luz aos desvãos ou zonas de sombreamento dessa mesma cultura.

Considerações finais

Com este artigo fizemos uma análise comparativa do mito da mulher negra raivosa, a partir da cultura alemã, norte-americana e brasileira, com foco no livro *Wut und Böse* da jornalista e feminista afro-alemã Ciani-Sophia Hoeder, publicado naquele país em 2021. Para tanto utilizamos algumas categorias de análise e conceitos derivados do feminismo negro afrodiaspórico, das teorias raciais críticas e da linguística aplicada, esta última sendo auxiliada pela interpretação do conceito de agência radical transformadora pela pesquisadora Anna Stetsenko.

Neste sentido, aproveitamos estudos anteriores sobre o movimento afro-alemão e o protagonismo das mulheres negras nesse processo, para subsidiar o debate em questão. Fizemos também uma rápida incursão pelo debate da mestiçagem no Brasil e a incorporação da cultura norte-americana na análise se prende ao fato da profunda relação entre do feminismo negro norte-americano com o alemão e o brasileiro e da influência cultural dos Estados Unidos sobre a cultura alemã, especialmente no pós-segunda guerra mundial.

Apesar de reconhecer o mito da mulher negra raivosa como algo transcendente à cultura moderna ocidental, notadamente em função da colonização e da escravização de africanos pelos europeus, observamos algumas distinções consoante os países e culturas considerados. E essas diferenciações têm relação com a forma como a colonialidade do saber e do poder se instituiu nessas sociedades.

As modulações com que operam socialmente esse estereótipo dizem respeito aos comportamentos, valores e hábitos corporificados em afetos, emoções e sentimentos em contato com os diferentes grupos sociais presentes nessas culturas. Os preconceitos existentes se expressam com mais ou menos intensidade e sublimação dependendo das subjetividades em relação e a história social relativa a cada país. As representações simbólicas ou reais darão o tom do confronto e dos interesses em jogo.

A agência radical transformadora, na sua práxis insurgente é, neste sentido, o corte epistemológico que ressignifica a raiva como um afeto disruptivo e mobilizador, capaz de empoderar simultaneamente a agente que a incorpora e seu entorno imediato. A raiva como um instrumento de organização cognitivo, isto é, quando a raiva evocada na mulher negra faz emergir seu sentir-pensar, permite a ela integrar o justo sentimento ao agir, segundo as coordenadas do seu pensamento.

Informações complementares:

a) Declaração de contribuição das autoras e dos autores:

Este artigo é fruto de pesquisas e frequência em disciplinas correspondentes ao curso de doutorado que a geógrafa e professora Cleydia Regina Esteves realiza no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, cuja orientadora é a outra autora do referido texto, professora doutora do mesmo programa, Érica Schlude Wels. Portanto, este texto é fruto do processo de orientação e pesquisa que envolve as duas pesquisadoras citadas.

b) Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais:

Todos o acervo bibliográfico pesquisado está disponível de forma online e/ou em bibliotecas públicas brasileiras.

c) Declaração de conflito de interesse:

Declaramos não haver conflitos de interesse.

d) Avaliação por pares:

✓ **Avaliador 1:** Francisco Estefogo (correções obrigatórias)

Após análise criteriosa do artigo submetido, constou-se a existência de diversos problemas estruturais e formais que comprometem sua qualidade acadêmica e, portanto, inviabilizam sua publicação no formato atual. As principais questões identificadas são: falta de base teórica de comparação no resumo, recorrentes problemas de pontuação, inúmeras falhas de citação segundo as normas da ABNT, objetivos pouco delineados na Introdução, vários períodos longos e confusos, citações sem legitimidade teórica (Wikipedia), excessiva repetição de palavras no mesmo período, conceitos teóricos não desenvolvidos (agência), oscilação do marcador discursivo etc.

✓ **Avaliador 2:** Mônica Lemos (correções obrigatórias)

O artigo As Quizumbeiras: A raiva como afeto disruptivo e mobilizador e o mito da mulher negra raivosa em leitura comparada apresenta potencial por estar inserido em um contexto de contra colonialidade e apresentar aspectos étnico-raciais com bastante força. A seguir encaminho comentários e sugestões que auxiliem os autores no desenvolvimento do artigo de modo que ele se torne mais fluído e mais potente.

O primeiro ponto é com relação ao título, a palavra quizumbeira, que está no título como central, aparece outras duas vezes no texto. Explorar o termo quizumbeira ao longo do texto, inclusive relacionando os trechos mencionados com o termo enriqueceria o artigo tanto sob o ponto de vista de aprofundamento do termo, como colocar em evidência um termo brasileiro no contexto alemão. Ainda sobre o título, sugiro retirar o termo leitura comparada. A proposta apresentada no texto é muito maior que uma leitura comparada.

Além disso, compara-se o que com o quê? O resumo precisa ficar mais claro. Qual a temática central do artigo? Qual o objetivo? Por que é importante? Qual método será utilizado para analisar os trechos? É um artigo ou é um ensaio?

Em geral, o texto necessita de costura. Há muitos pontos importantes que estão soltos, como quizumbeira, previamente mencionado e a agência radical transformadora. É importante considerar, que este é um artigo e as referências sobre dissertação e projeto de pesquisa precisam ser removidas do texto. Além disso, é necessário inserir todas as referências citadas no texto à lista de referências.

Finalmente, sugiro rever os parágrafos e as seções, alguns são muito longos com muitas ideias condensadas que talvez merecessem desdobramentos. Também sugiro que as notas de rodapé sejam

inseridas ao corpo do texto e que o corpo do texto esteja todo em português. Embora os trechos em alemão sejam muito ricos, quebram o fluxo da leitura, então talvez pudessem aparecer como apêndice. O texto pode ser aprovado após realização dos ajustes. Agradeço por ter sido considerada para a revisão do artigo e peço desculpas pela demora em retornar com o parecer.

Referências

- AYIM, Maya; OGUNTOYE, Katharina; SCHULTZ, Dagmar. **Farbe bekennen**. Afro-deutsche Frauen auf den Spuren ihrer Geschichte. Berlin: Orlanda Verlag, 2020.
- AITKEN, Robbie and ROSENHAFT, Eve. **Black Germany**: the making and unmaking of a diaspora community, 1884–1960. London: Cambridge University Press, 2013.
- AITKEN, Robbie and ROSENHAFT, Eve., Embracing Germany: Interwar German Society and Black Germans through the Eyes of African American Reporters. In **Journal of American Studies**, 52/2, p.447-473, 2018. Cambridge University Press and British Association for American Studies.
- ARGHAVAN, Mahmoud; HIRSCHFELDER, Nicole; KOPP, Luvena; MOTYL, KATHARINA (eds.). **Who Can Speak and Who Is Heard/Hurt?** Facing Problems of Race, Racism, and Ethnic Diversity in the Humanities in Germany. Bielefeld: Transcript Verlag, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018. 272p.
- DUARTE, Constância Lima e NUNES, Isabella Rosado (eds.). **Escrevivência**: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo, 1. ed., Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- ESTEVES, Cleydia Regina. **Celso Furtado, intérprete do Brasil**: Desenvolvimento como cultura no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro, 2013, Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- ESTEVES, Cleydia Regina, *Farbe bekennen*: História, Narrativas e Memória Social do Movimento Afro-alemão. Belo Horizonte: **Revista Interdisciplinar Sulear**, ano 06, número 15 – nov/2023, p.26-39.
- FERREIRA, Aparecida de J. **Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade**: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica In FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.) *Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos de Linguagem*. Campinas: Pontes Editora, 2015.
- FERREIRA, Aparecida de J. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e Contranarrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas. In **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, jul. – out. 2014, p. 236-263.
- GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Editor União dos Coletivos Pan-africanistas. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

GÖTTSCHE, Dirk. **Zwischen Exotismus und Postkolonialismus**: der Afrika-Diskurs in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur. In D. Göttische, & M. M. Diallo (Eds.), *Interkulturelle Texturen: Afrika und Deutschland im Reflexionsmedium der Literatur*. Aisthesis, 2003.

GRIFFIN, Rachel Alicia. Eu sou uma mulher negra com raiva: Autoetnografia feminista negra, voz e resistência. Tradução de Silvio M. A. Santos e Carlos P. Reyna. In **Revista Teoria e Cultura do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF**. Juiz de Fora, V. 17, número 3, p. 223-240, 2022.

HOEDER, Ciani-Sophia. **Wut und Böse**. München: Carl Hanser Verlag, 2021.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução Stephanie Borges, 1ª edição, Belo Horizonte: editora Autêntica, 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. On the coloniality of being: Contributions to the Development of a Concept. In **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 240-270, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502380601162548>.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**. Poéticas do Corpo-Tela. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2022.INS, Catarina C. d

MOITA LOPES, L. P. Os Espaçotempos da Narrativa como Construto Teórico- metodológico na Investigação em Linguística Aplicada. In **CADERNO DE LETRAS** (UFPEL), Pelotas, v. 40, p. 11-33, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OPITZ, May, OGUNTOYE, Katharina, SCHULTZ, Dagmar. **Showing our Colors**. Afro-germans Women Speak Out. Massachusetts: The University of Massachusetts Press, 1992.

QUIZOMBA In: DICIONÁRIO Houaiss Online de Português. Rio de Janeiro: Instituto Antonio Houaiss. Disponível em <https://www.houaiss.online/houaission/quizomba>. Acesso em 16 de maio de 2025.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Usp, 1996.

STETSENKO, Anna. **Sobre a Pesquisa em Tempos de Crise**. <https://prosped.com.br/noticias/anna-stetsenko-palestra-pesquisa-crise/>. Acessado em 24/01/2024.

STETSENKO, A. Agência radical-transformadora: Continuidades e Contrastes em Relação à Agência Relacional e Implicações para a Educação. In **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 18, p. 1–24, 2023. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.18.21106.005. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/21016> . Acesso em: 20 jan. 2024.